



Revista Eletrônica de Filosofia
Philosophy Eletronic Journal
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 15, nº. 2, julho-dezembro, 2018, p.263-274
DOI: 10.23925/1809-8428.2018v15i2p263-274

MODALIDADE E O MELHOR DOS MUNDOS POSSÍVEIS: LEIBNIZ, AQUINO, E A DISCUSSÃO CONTEMPORÂNEA

Felipe Miguel

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS
felipe.miguel@acad.pucrs.br

Resumo: O objetivo deste artigo é sugerir alguns pontos de contato entre o pensamento de G. W. Leibniz, Tomás de Aquino, e a literatura contemporânea sobre metafísica da modalidade e sobre a tese de que este seria o melhor dos mundos possíveis. Inicialmente, é discutida a importância do pensamento de G. W. Leibniz sobre modalidade para o desenvolvimento recente de uma lógica modal baseada em mundos possíveis, seguido de uma discussão introdutória da metafísica da modalidade de Leibniz e de como é possível entendê-la à luz da metafísica da modalidade contemporânea. Em seguida, apresenta-se a metafísica da modalidade de Tomás de Aquino e de como seria possível entendê-la à luz da metafísica da modalidade contemporânea. Posteriormente, apresenta-se a formulação leibniziana da ideia de que este seria o melhor dos mundos possíveis, seguida da discussão contemporânea sobre esse tópico, procurando mostrar como a literatura contemporânea pode ajudar-nos a compreender melhor a tese leibniziana. O mesmo é realizado, em seguida, em relação a Aquino.

Palavras-chave: G. W. Leibniz. Tomás de Aquino. Metafísica da modalidade. O melhor dos mundos possíveis.

MODALITY AND THE BEST OF POSSIBLE WORLDS: LEIBNIZ, AQUINO, AND THE CONTEMPORARY DISCUSSION

Abstract. *The goal of this article is to suggest the existence of points of contact between G. W. Leibniz's and Thomas Aquinas's views on the metaphysics of modality and on the thesis that this is the best of all possible worlds and the contemporary literature on these two topics. The article begins with a discussion of the importance of Leibniz's views about modality for the development of a possible-worlds semantics for modal logic, followed by introductory discussion about Leibniz's metaphysics of modality and on how one can understand it in light of contemporary modal metaphysics. Subsequently, Aquinas's modal metaphysics is presented, and it is discussed how it is possible to understand it in light of current modal metaphysics. This is followed by a presentation of the Leibnizian idea that this is the best of all possible worlds, and then of the contemporary discussion about this topic in order to show how the current literature can help us better understand the Leibnizian thesis. The same procedure is then applied to Aquinas's views.*

Keywords: G. W. Leibniz. Thomas Aquinas. Metaphysics of modality. The best of all possible worlds.

INTRODUÇÃO

Embora a noção de mundos possíveis aparentemente tivesse sido inicialmente formulada por pensadores medievais, é a formulação de G. W. Leibniz que serviu de base para os desenvolvimentos de lógica modal na segunda metade do século XX. Na primeira metade do século XX, as tentativas de elaboração de uma semântica de lógica modal não foram bem-sucedidas, deixando o seu *status* enquanto disciplina da lógica em estado bastante precário. No final da década de 1950 e início da década de 1960, no entanto, alguns lógicos, entre eles Saul Kripke, começaram a apresentar diferentes estratégias para a formulação de uma semântica para lógica modal. Algo que essas diferentes estratégias tinham em comum era o fato de partirem da formulação de Leibniz de que verdades necessárias são verdades que existem em todos os mundos possíveis.¹ A partir de então, não somente houve um florescimento no estudo de lógica modal e de suas aplicações nos mais diversos campos de estudo da filosofia, como passou a haver crescente interesse pela filosofia de G. W. Leibniz em seus mais diversos aspectos, entre eles as suas teses sobre metafísica da modalidade e sua defesa de que este é o melhor dos mundos possíveis.

Neste artigo, serão sugeridos alguns pontos de contato entre o pensamento de G. W. Leibniz e a literatura contemporânea sobre metafísica da modalidade e sobre a tese de que este seria o melhor dos mundos possíveis. O mesmo será realizado em relação ao predecessor de Leibniz que mais contribuiu para o desenvolvimento desses dois tópicos de investigação filosófica antes do filósofo germânico: Tomás de Aquino. Inicialmente, veremos como é possível compreender a metafísica da modalidade de Leibniz à luz da metafísica da modalidade contemporânea. Em seguida, será apresentada a metafísica da modalidade de Tomás de Aquino e será brevemente discutido como seria possível entendê-la à luz da metafísica da modalidade contemporânea. Posteriormente, apresenta-se a formulação leibniziana da ideia de que este seria o melhor dos mundos possíveis, seguida da discussão contemporânea sobre esse tópico, procurando mostrar como a literatura contemporânea pode ajudar-nos a compreender melhor a tese leibniziana. O mesmo é realizado, em seguida, em relação a Aquino.

METAFÍSICA DA MODALIDADE: LEIBNIZ, AQUINO, E A DISCUSSÃO CONTEMPORÂNEA

G. W. Leibniz é, reconhecidamente, uma das mentes mais brilhantes que já viveram, tendo contribuído para praticamente todos os campos científicos (incluindo aqui tanto as ciências físicas e exatas como as ciências humanas) e filosóficos de seu tempo, e tendo sido, ao lado de Isaac Newton, um dos inventores do cálculo, entre outras importantes realizações.² Mas o que seria, de acordo com Leibniz, um mundo possível? Para Leibniz, um mundo possível seria um conjunto de substâncias

¹ Ver LOUX, 1979, para uma excelente introdução ao desenvolvimento da lógica modal no século XX a partir da base leibniziana.

² Para uma apresentação da contribuição enciclopédica de Leibniz para as ciências e a filosofia do seu tempo, ver ANTOGNAZZA, 2009; JOLLEY, 1995. O eminente filósofo da mente John Searle chega mesmo a afirmar que Leibniz foi “o ser humano mais inteligente que já viveu” (em RESCHER, Nicholas, 2013: a citação encontra-se na contracapa do livro).

individuais compossíveis governadas por determinadas leis naturais. Cada substância individual contém todos os predicados verdadeiros do seu passado, presente e futuro. Duas substâncias individuais são compossíveis na medida em que não existam contradições entre os seus predicados. Desse modo, uma proposição é possível se uma contradição não puder ser obtida de sua análise; uma proposição é impossível quando ela implica uma contradição; uma proposição é necessária se o seu contrário implica uma contradição; uma proposição é contingente se o seu contrário não implica contradição. Em termos de semântica de mundos possíveis, algo é necessário se existe em todos os mundos possíveis; e contingente se existe em algum mundo possível.³

Uma questão que parece merecer um estudo cuidadoso, mas que tem sido pouco explorada na literatura contemporânea, é em que medida a metafísica da modalidade de Leibniz se assemelharia ou se diferenciaria em relação à metafísica da modalidade desenvolvida após os importantes desenvolvimentos de lógica modal a partir dos anos 1960. Em outras palavras, em que medida a metafísica da modalidade de Leibniz e a de seus principais teóricos contemporâneos, tais como David Lewis,⁴ Alvin Plantinga,⁵ Robert Stalnaker⁶ e Timothy Williamson,⁷ entre outros⁸, teriam pontos de contato e de conflito? Poderia a metafísica da modalidade contemporânea nos ajudar a compreender melhor o pensamento de Leibniz sobre a natureza da possibilidade, da necessidade e da contingência? Ou, inversamente, poderia a metafísica da modalidade de Leibniz ajudar-nos a compreender melhor ou mesmo solucionar determinados problemas que têm concentrado a atenção dos principais teóricos contemporâneos da modalidade?

Ao que tudo indica⁹, Leibniz, assim como David Lewis, rejeitou uma concepção de identidade transmundial em favor de uma teoria de contrapartes. Enquanto os defensores de identidade transmundial afirmam que objetos ou indivíduos existentes no mundo atual – ou em outros mundos possíveis – também existem – não concretamente – em outros mundos, o teórico das contrapartes defende que cada objeto ou indivíduo existe em somente um mundo possível. Para David Lewis, mundos possíveis seriam entidades concretas, separadas espaço-temporalmente uns dos outros. Não haveria, para Lewis, uma diferença objetiva entre o mundo atual e os demais mundos possíveis. O critério para diferenciar um mundo atual de um possível seria somente indexical – isto é, é o fato de habermos em determinado mundo que o torna um mundo atual. Os indivíduos existentes em nosso mundo teriam contrapartes em outros mundos, uma relação distinta da relação de identidade normalmente pressuposta pelos defensores da teoria da identidade transmundial.¹⁰

³ LOOK, 2013.

⁴ Ver, por exemplo, LEWIS, 1968; LEWIS, 1973; LEWIS, 1986.

⁵ Ver, por exemplo, PLANTINGA, 1974; PLANTINGA, 2003.

⁶ Ver, por exemplo, STALNAKER, 2003.

⁷ Ver, por exemplo, WILLIAMSON, 2013.

⁸ Ver, por exemplo, ARMSTRONG, 1989; CHIHARA, 1998; VAN INWAGEN, 2001; FINE, 2002; FINE, 2003; PRUSS, 2011.

⁹ Ver, por exemplo, COVER, 1990; COVER, 1992; MURRAY, 1995.

¹⁰ Ibid.

Leibniz, contudo, ao contrário de Lewis, seria um atualista não-indexical e abstratista. Os teóricos atualistas não-indexicais, como Alvin Plantinga, Robert Adams e Robert Stalnaker, defendem, em contraposição a Lewis, que o único mundo atual seria o mundo no qual nós habitamos. Os demais mundos seriam mundos meramente possíveis, compostos por objetos e indivíduos meramente possíveis. O abstratista, por outro lado, afirma que somente o mundo atual seria concreto, sendo os demais mundos entidades abstratas.

Leibniz também passou boa parte de sua vida tentando escapar do "necessitismo,"¹¹ isto é, de algo que se assemelhasse ao fatalismo espinozista, para o qual alguns de seus comprometimentos ontológicos pareciam levar. Mais recentemente, Timothy Williamson¹² tem defendido, a partir da interpretação mais direta da Fórmula de Barcan, a tese de que "necessariamente tudo é necessariamente algo." Em que medida o necessitismo de Williams se assemelharia ao necessitismo do qual Leibniz procurou escapar ou à posição que ele efetivamente adotou é certamente uma questão importante de ser explorada, assim como a sua adoção de uma teoria das contrapartes semelhante à de Lewis, ainda que sem os demais comprometimentos do filósofo americano.

Esses são apenas dois exemplos de como a reconstrução da metafísica da modalidade de Leibniz num diálogo com a metafísica da modalidade contemporânea pode produzir resultados importantes no que diz respeito a avanços em direção a uma melhor compreensão da metafísica da modalidade de Leibniz e, quem sabe, de uma melhor compreensão de como a metafísica da modalidade deste pode ajudar em certos aspectos com certas questões que fazem parte da discussão contemporânea.

Algo semelhante pode ser dito em relação à contribuição de Tomás de Aquino a esses dois temas. Uma interpretação possível da metafísica da modalidade de Aquino é, segundo Brian Davies¹³, a de que a posição de Aquino estaria em oposição à existência de mundos possíveis concebidos no sentido leibniziano do termo, isto é, se eles forem entendidos da maneira usual como sendo objetos abstratos ou, mais ainda, se vistas como entidades concretas no sentido lewisiano. Segundo Davies, na metafísica de Aquino não existiria algo como essências possíveis. "Para algo ter uma essência [...] esse algo tem de existir em atualidade"¹⁴. Mas em não havendo essências possíveis, mas somente atuais, não haveria, portanto, naturezas existindo em "mundos possíveis"¹⁵. Tudo o que existe, existe no mundo atual. Não haveria, portanto, distinção entre mundos possíveis e mundo atual – pois, "[p]ara [Aquino], todas as essências são atuais".¹⁶

Essa posição de Davies de simplesmente rejeitar uma interpretação da posição de Aquino que envolva a utilização da noção de mundos possíveis parece, contudo, não fazer justiça à riqueza da discussão contemporânea sobre modalidade. Em discussão relativamente recente, Brian Leftow e Jeffrey Brower avaliam a

¹¹ Ver, por exemplo, ADAMS, 1994.

¹² WILLIAMSON, 2013.

¹³ Ver DAVIES, 2011.

¹⁴ DAVIES, 2011, p. 21.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ Ibid.

metafísica da modalidade de Aquino procurando conectá-la à discussão contemporânea sobre modalidade. Segundo Leftow,¹⁷ Aquino seria um reducionista modal. Mas o que exatamente seria um reducionista em termos de modalidade? Em contraste com a teoria de metafísica da modalidade de Alvin Plantinga,¹⁸ caracterizada por ser anti-reducionista (possibilidade é vista como uma propriedade primitiva ou irreduzível), abstratista ou platonista (mundos possíveis seriam entidades abstratas ou platônicas) e atualista (as entidades que constituem mundos possíveis – *state of affairs* – fazem parte do mundo atual), a teoria da metafísica da modalidade de David Lewis postula reducionismo (possibilidade é explicada tão somente em termos do que existe; Lewis, de fato, é o reducionista paradigmático), concretismo ou nominalismo (mundos possíveis seriam entidades que existiriam concretamente no tempo e no espaço) e possibilismo (há entidades não-atuais, isto é, meramente possíveis). Aquino, portanto, teria uma concepção de modalidade – e de mundos possíveis – em termos reducionistas, na acepção lewisiana de modalidade e mundos possíveis.

Jeffrey Brower¹⁹, por outro lado, defende que a metafísica da modalidade de Tomás de Aquino se caracterizaria por uma combinação de ambas as abordagens descritas acima. Mais precisamente, Aquino seria um nominalista/concretista, atualista e reducionista, uma posição caracterizada por maior nuance do que aquela atribuída a Aquino por Leftow e por Davis.

A posição de Aquino acerca da fundamentação da modalidade é caracterizada pela defesa da tese de que todas as verdades sobre possibilidade e necessidade são fundamentadas ontologicamente em Deus – Deus é o gerador de verdade (*truthmaker*) de todas as verdades modais. Segundo Leftow, Aquino acredita que o que é possível está escrito na natureza de Deus e que o entendimento de Deus de sua natureza lhe fornece o entendimento do que é possível. Leftow, no entanto, considera problemática a concepção de Tomás de Aquino da fundamentação da possibilidade em Deus. E essa dificuldade se deve à defesa de Aquino de que Deus é simples e pura atualidade. Afinal, o que faz com que, possivelmente, Deus tenha determinada razão ou realize determinado ato? Aqui não é possível recorrer a algo externo a Deus, pois Deus é o criador eterno de tudo o que existe; nem tampouco localizar a possibilidade em Deus, pois ele é pura atualidade. Para Leftow, o quadro fornecido por Aquino não permite que ele escape de certa forma de platonismo modal, o que implicaria em violação da doutrina de asseidade divina. Pois para Aquino o que faz com que todas as verdades sejam verdades é o fato de que a propriedade de deidade existe, ou que Deus tem deidade, ou, dada a simplicidade divina, que Deus existe. Outro problema é que o fato de Deus possuir os poderes que possui não envolve modalidade. A explicação de Aquino, portanto, reduziria o que é modal ao que não é modal, “removendo,” segundo Leftow, “a modalidade inteiramente da realidade.”²⁰ E isso tornaria Aquino uma espécie de reducionista modal, posição essa compartilhada, como vimos, por David Lewis, e caracterizada pela defesa de que fatos modais são simplesmente fatos sobre o que existe ou não existe concretamente e não sobre possibilidade

¹⁷ LEFTOW, 2005.

¹⁸ PLANTINGA, 1974; PLANTINGA, 2003.

¹⁹ BROWER, 2005.

²⁰ Ibid, p. 185.

stricto sensu. Mas, segundo Leftow: “se não há nada modal no ser divino . . . o ser divino é, de fato, a coisa errada para tornar verdadeiras afirmações modais genuínas.”²¹

Jeffrey Brower, em resposta a Leftow, procura mostrar como é possível entender a metafísica da modalidade de Aquino de uma maneira que a torne imune às principais objeções de Leftow. Em primeiro lugar, embora Brower concorde com Leftow que, para Aquino, Deus é o gerador de verdade de todas as verdades modais, Brower procura apresentar a teoria de Aquino como sendo mais sofisticada do que Leftow pressupõe. Enquanto Leftow toma a afirmação de Aquino de que Deus pode fazer tudo o que é “possível em si mesmo” ou que “não implica em contradição” como indicando que, para aquele pensador medieval, o poder de Deus é o gerador de verdade de todas as verdades modais, Brower procura mostrar que Aquino distinguiu entre dois tipos de modalidade: poder ou capacidade (*potentia* ou *possibile per respectum ad aliquam potetiam*), que se aplica a certos tipos de agentes (poderes ativos) ou pacientes (poderes passivos); ou possibilidade propriamente dita (*possibilie absolute*), que se aplicaria a proposições e entidades similares, como *state of affairs*. E, de acordo com Brower, essa distinção deveria sugerir que a argumentação de Leftow não é suficiente para mostrar que Aquino objetivou defender que possibilidade deveria ser explicada em termos do poder de Deus. Além disso, como vimos, para Brower a classificação de Aquino por Leftow como um simples reducionista modal seria equivocada.

Qual dessas interpretações da Metafísica da Modalidade de Aquino estaria correta? Seria Aquino realmente um reducionista puro? Ou teria ele elaborado uma combinação singular entre reducionismo e anti-reducionismo? Essas são algumas das questões sobre a metafísica da modalidade de Aquino que merecem ser exploradas mais cuidadosamente.

Assim como a metafísica da modalidade de Tomás de Aquino, a de Leibniz possui um claro componente teísta. Para o pensador germânico, as verdades modais originam-se da reflexão de Deus sobre o conteúdo e arranjo de suas ideias. De acordo com Samuel Newlands, a tese de Leibniz acerca da fundamentação dos fatos modais consiste, essencialmente, na afirmação de que “ao refletir sobre o conteúdo e arranjo de suas ideias, Deus estabelece a realidade das essências não-divinas ou *possibilia*, cuja existência, conteúdo e arranjos, junto com a essência de Deus, são os geradores de verdade de todas as verdades modais.”²²

Mais notoriamente, esse componente teísta da filosofia de Leibniz se configurou na afirmação de que, antes de criar o cosmos, Deus se deparou com uma infinidade de mundos possíveis que poderiam ser atualizados. Sendo perfeitamente bom, onipotente e onisciente, e agindo por razão suficiente, Deus teria decidido atualizar não qualquer mundo, mas o melhor dos mundos possíveis. Essa tese de Leibniz foi famosamente ironizada por Voltaire, em seu livro *Cândido*²³. O herói do livro é um inveterado otimista que se depara com todo tipo de sofrimentos e vilanias, mas conclui que tudo isso ocorre para o bem, se não no curto prazo, ao menos no longo prazo. O propósito do livro é claramente o de servir como sátira da ideia de Leibniz de que este seria o melhor dos mundos possíveis.

²¹ Ibid, p. 185.

²² NEWLANDS, 2013, p. 170.

²³ VOLTAIRE, 1759.

O MELHOR DOS MUNDOS POSSÍVEIS: LEIBNIZ, AQUINO, E A DISCUSSÃO CONTEMPORÂNEA

Nas últimas décadas, no entanto, em larga medida devido ao já mencionado desenvolvimento de uma lógica modal com base na ideia leibniziana de mundos possíveis, além de outros desenvolvimentos como o ressurgimento de interesse pelo problema do mal²⁴, ocorreu, e continua ocorrendo, um crescimento expressivo de interesse em vários dos principais departamentos de filosofia do mundo pelo pensamento de Leibniz e, em específico, pela defesa de Leibniz de que este seria o melhor dos mundos possíveis²⁵.

A discussão contemporânea sobre o pensamento de Leibniz acerca do melhor dos mundos possíveis tem como ponto de partida a questão de se seria possível que Deus criasse um mundo que seria melhor que todos os outros. Leibniz acreditava que Deus poderia criar – e teria criado – um mundo que seria melhor que os demais mundos possíveis (essa é, segundo Klaas Kraay²⁶, a tese da existência de exatamente um mundo insuperável). Mas outros autores defendem que, caso haja uma infinidade de mundos possíveis, é de se supor que para cada mundo que Deus escolhesse criar haveria um mundo melhor, um mundo em que a adição de uma qualidade ou propriedade boa a mais resultaria num mundo melhor. Essa é a tese da hierarquia infinita de mundos crescentemente melhores, defendida por, por exemplo, Tomás de Aquino e, mais recentemente, por Alvin Plantinga²⁷ e Richard Swinburne²⁸, entre outros. Outros, como Hud Hudson²⁹ e Donald Turner³⁰ defendem que haveria múltiplos mundos insuperáveis, e que, nesse caso, seria de se esperar que Deus criasse esses universos múltiplos (tese do multiverso teísta).

A partir da definição dessas três posições principais, tem emergido na discussão contemporânea uma variedade de questões adjacentes, tais como: como entender o problema do mal dentro da estrutura fornecida por cada uma dessas opções? O que caracterizaria um mundo como sendo o melhor ou como estando entre os melhores? Particularmente importante tem sido a tentativa de se compreender o que Leibniz entendia com sendo as características do melhor dos mundos possíveis. Loyd Strickland, em *Leibniz Reinterpreted*,³¹ apresenta o estudo mais completo sobre essa questão. Para Strickland, a tese de Leibniz de que o mundo atual é o melhor dos mundos possíveis tem sido alvo de recorrentes mal-entendidos, mesmo pelos principais especialistas em Leibniz. Strickland parte das próprias declarações de Leibniz de que o melhor dos mundos possíveis é “aquele

²⁴ A ideia Leibniziana de que este é o melhor dos mundos possíveis é concebida como uma resposta para o problema do mal (isto é, da suposta dificuldade que a existência de mal no mundo colocaria para a existência de um ser onipotente, onisciente e onibenevolente) em seu livro *Teodiceia*.

²⁵ Ver, por exemplo, BLUMMENFELD, 1975; HASKER, 1984; GROVER, 1988; GROVER, 1998; GROVER, 1999; HOWARD-SNYDER, 1994; HOWARD-SNYDER, 1996; GROVER, 2004; KRAAY, 2007; KRAAY, 2008; LANGTRY, 2008.

²⁶ Ver, por exemplo, KRAAY, 2008.

²⁷ PLANTINGA, 1974.

²⁸ SWINBURNE, 1993.

²⁹ HUDSON, 2013.

³⁰ TURNER, 2003.

³¹ STRICKLAND, 2006.

que é o mais simples em hipóteses e o mais rico em fenômeno” e, alternativamente, o “mais harmônico”.

Strickland afirma que a melhor interpretação da posição que Leibniz defende em relação a “mais rico em fenômeno” é a de que Deus teria criado o maior número de substâncias possíveis e a maior variedade de tipos ou espécies de substâncias, o que o levaria a endossar a tese de que haveria uma hierarquia contínua das espécies, a tradicional “cadeia de seres”. Mas, dado que nem todas as substâncias possíveis em isolamento são compossíveis – isto é, possíveis conjuntamente –, o melhor dos mundos possíveis seria, no que diz respeito ao “mais rico em fenômeno”, o mundo que conteria o maior número e a maior variedade de substâncias compossíveis, selecionadas, segundo a interpretação de Strickland, de acordo com a mais rica cadeia de espécies, e não de indivíduos – como é amplamente defendido pelos especialistas em Leibniz.

No que diz respeito a simplicidade, Strickland defende que, segundo Leibniz, o melhor dos mundos possíveis se caracteriza por possuir leis que exibiriam universalidade, uniformidade e simplicidade matemática, e que Deus encontra um algoritmo através do qual “o número máximo de coisas compossíveis são encaixadas de tal modo a preencher o mundo em capacidade máxima”,³² governadas pelo menor número de leis.

A compossibilidade do maior número de substâncias ordenadas enquanto espécies e governadas pelas leis mais simples e o menor número delas, seria, segundo Strickland, o que caracterizaria o mundo atual como sendo o melhor dos mundos possíveis. Compossibilidade, contudo, deve ser entendida no sentido de harmonia. Como Leibniz colocou, “Harmonia determina o que é e o que não é compossível; de fato, ‘compossível’ significa simplesmente ser ‘harmônico com.’”³³

Outro importante estudo sobre a concepção de Leibniz acerca do melhor dos mundos possíveis é *The Rational Order of Nature*, de Donald Rutherford. Nesse livro, Rutherford defende uma unidade sistêmica do pensamento de Leibniz sustentada por uma concepção de natureza projetada por Deus visando a maximizar as oportunidades de exercício da razão, sendo esse um dos componentes essenciais, segundo Rutherford, da noção de melhor dos mundos possíveis de Leibniz.

Em *Can God Be Free?*,³⁴ William Rowe apresenta um argumento contra a existência de Deus baseada na tese leibniziana de que Deus teria de criar o melhor dos mundos possíveis ou, caso contrário, não poderia criar nada. O argumento de Rowe pode ser apresentado do seguinte modo:

1. Se Deus existe, Ele criou o melhor dos mundos possíveis;
2. Este não é o melhor dos mundos possíveis;
3. Portanto, Deus não existe.

Entre as estratégias que têm sido utilizadas para escapar da conclusão desse argumento encontra-se a rejeição da ideia de que Deus estaria moralmente obrigado a criar o melhor dos mundos possíveis e a defesa de que não haveria um único

³² Ibid., p. 80.

³³ Ibid., p. 110.

³⁴ ROWE, 2004.

mundo melhor, mas uma hierarquia infinita de mundos. Nicolas Malebranche, em *Traité de la Nature et de la Grâce*, de 1680, e, bem mais recentemente, Robert Adams, em *Must God Create the Best?*,³⁵ estão entre os filósofos que defendem justamente que Deus não estaria obrigado a criar o melhor. Outros como Alvin Plantinga e Richard Swinburne, seguindo Tomás de Aquino, defendem que haveria uma hierarquia infinita de mundos possíveis e, portanto, não haveria um mundo unicamente melhor a ser criado.

Alvin Plantinga,³⁶ em sua resposta ao problema lógico do mal, apresenta a tese de *Lapso de Leibniz*, segundo a qual nem todos os mundos possíveis poderiam ser atualizados por Deus, uma vez que há mundos em que a atualização depende de escolhas humanas livres, o que deu origem à ideia de que Deus se depararia com a opção entre a criação de mundos factíveis (ou exequíveis) ao invés de mundos possíveis. Zachary Manis resume a tese de *Lapso de Leibniz* do seguinte modo:

A ideia é esta. Suponhamos que se uma pessoa for deixada livre para escolher entre A e \bar{A} na situação S, ela de fato escolherá A. Se este é o caso, então Deus não pode atualizar a situação [*state of affairs*] que inclui tanto (1) P estando livre em S, e (2) P escolhendo \bar{A} em S, muito embora a situação [*state of affairs*] descrita pela combinação de (1) e (2) ocorra em um mundo possível. Plantinga acredita que isso demonstra que a alegação do ateuólogo de que Deus, *se onipotente, poderia ter atualizado qualquer mundo que Ele quisesse é falsa.*³⁷

No que diz respeito à fundamentação da modalidade, o pensamento de Tomás de Aquino estaria, portanto, próximo ao de Leibniz ao afirmar que modalidades estariam fundamentadas na essência de Deus. Leibniz e Aquino também estariam próximos no que diz respeito às suas concepções de modalidade ao defenderem, em estando corretas as interpretações de Leftow e Brower, metafísicas modais em certo sentido semelhantes à concepção de modalidade de David Lewis. As concepções de modalidade de Aquino e Leibniz, no entanto, parecem estar em desacordo em vários outros aspectos, no entanto.

Um aspecto importante é que Aquino não se valeu explicitamente da linguagem de mundos possíveis. Outro ponto de possível desacordo entre Tomás de Aquino e G. W. Leibniz é que o primeiro teria rejeitado explicitamente a ideia de que haveria um mundo melhor que todos os outros – isto é, teria rejeitado a tese do melhor dos mundos possíveis. William Rowe,³⁸ expressando acordo com a interpretação original de Norman Kretzmann,³⁹ defende que Tomás de Aquino rejeitou a ideia de que Deus deveria criar o melhor dos mundos possíveis, uma vez que, na metafísica de Aquino, a distância entre as criaturas e Deus é infinita e poder-se-ia sempre adicionar diferentes partes na mesma ordem ou aprimorar as partes

³⁵ ADAMS, 1972.

³⁶ PLANTINGA, 1974.

³⁷ MANNIS, 2006.

³⁸ ROWE, 2004.

³⁹ KRETZMANN, 1991a, e KRETZMANN, Norman, 1991b.

mantendo-se a mesma ordem, possibilitando, assim, o aprimoramento infinito do mundo criado por Deus.

É preciso, contudo, ter cuidado aqui. Como acabamos de ver, é preciso avaliar com mais cuidado a compatibilidade da posição de Aquino quanto à noção de mundos possíveis. Como vimos, Leftow e Brower classificam Aquino como um reducionista modal, e Davis vê a posição de Aquino como estando em conflito com a própria ideia de mundos possíveis. Essa seria, portanto, uma questão que deveria ser explorada mais cuidadosamente. De qualquer modo, a ser considerada a interpretação de Rowe e Kretzmann como correta, parece correto classificar Aquino como um defensor da tese da hierarquia infinita de mundos crescentemente melhores, ainda que seja necessário notar que, na suposta visão reducionista modal de Aquino, mundos aqui não se refeririam às entidades que filósofos contemporâneos se acostumaram a chamar de mundos possíveis, mas a aprimoramentos infinitos no espaço lógico de pura atualidade da metafísica de Tomás de Aquino.

CONCLUSÃO

Portanto, temos testemunhado, nas últimas décadas, um renascimento de interesse filosófico por questões metafísicas, entre elas, de metafísica da modalidade e a respeito da tese do melhor dos mundos possíveis. O trabalho de reconstrução do pensamento de Leibniz e de Aquino a respeito desses temas a partir dos desenvolvimentos contemporâneos já começou. Há, contudo, muito trabalho ainda por ser feito. O aprofundamento desse esforço seria um desenvolvimento de grande importância filosófica.

* * *

REFERÊNCIAS

ADAMS, Robert. Must God Create the Best? **The Philosophical Review**, 81, no. 3: 317-332, 1972.

ADAMS, Robert. **Leibniz: Determinist, Theist, Idealist**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

ANTOGNAZZA, Maria Rosa. **Leibniz: An Intellectual Biography**, Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

ARMSTRONG, David. **A Combinatorial Theory of Possibility**, Cambridge University Press, 1989.

BLUMENFELD, David. Is the Best World Possible? **Journal of Philosophy**, 84: 163-177, 1975.

BROWER, Jeffrey. Aquinas' Metaphysics of Modality: A Reply to Leftow. **The Modern Schoolman**, LXXXII, March, 2005.

CHIHARA, Charles. **The Worlds of Possibility**, Oxford: Clarendon Press, 1998.

- COVER, J. A., e Hawthorne, John. Leibniz on Superessentialism and World-Bound Individuals, **Studia Leibnitiana**, Bd. 22, H. 2, pp. 175-183, 1990.
- COVER, J. A., e Hawthorne, John. Leibnizian Essentialism, Transworld Identity, and Counterparts, **History of Philosophy Quarterly**, Vol. 9, No. 4 (Oct.), pp. 425-444, 1992.
- DAVIES, Brian. **Aquinas on God and Evil**, Oxford University Press, 2011.
- DAVIES, Brian. **The Thought of Thomas Aquinas**, Oxford University Press, 1997.
- FINE, Kit. The Varieties of Necessity, em T. Gendler & J. Hawthorne (eds.), **Conceivability and Possibility**, Oxford: Oxford University Press, 2002.
- FINE, Kit. The Problem of Possibilities, *In*: Loux, Michael, and Zimmerman, Dean, (eds.) **The Oxford Handbook of Metaphysics**, Oxford: Oxford University Press, 2003.
- GROVER, Stephen. Why only the Best is Good Enough, **Analysis**, 48: 224, 1988.
- GROVER, Stephen. Incommensurability and the Best of All Possible Worlds, **The Monist**, 81: 648- 667, 1998.
- GROVER, Stephen. Mere Addition and the Best of All Possible Worlds, **Religious Studies**, 35: 173- 190, 1999.
- GROVER, Stephen. Rival Creator Arguments and the Best of all Possible Worlds, **Sophia**, 43: 101- 114, 2004.
- HASKER, William. Must God do His Best? **International Journal for Philosophy of Religion**, 16: 213-223, 1984.
- HOWARD-SNYDER, Daniel and Frances. How an Unsurpassable Being Can Create a Surpassable World, **Faith and Philosophy**, 11: 260-68, 1994.
- HOWARD-SNYDER, Daniel and Frances. The Real Problem of No Best World, **Faith and Philosophy**, 13: 422-425, 1996.
- HUDSON, Hud. Best Possible Worlds Theodicy, em **The Blackwell Companion to the Problem of Evil**, Oxford: Oxford University Press, 2013.
- JOLLEY, Nicholas (ed.). **The Cambridge Companion to Leibniz**, Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- KRETZMANN, Norman. A General Problem of Creation: Why Would God Create Anything At All? *In*: **Being and Goodness: The Concept of God in Metaphysics and Philosophical Theology**, Ed. S.J. MacDonald, Ithaca: Cornell University Press, 1991a.
- KRETZMANN, Norman. A Particular Problem of Creation: Why Would God Create This World? *In*: **Being and Goodness: The Concept of God in Metaphysics and Philosophical Theology**, Ed. S.J. MacDonald, Ithaca: Cornell University Press, 1991b.
- KRAAY, Klaas. Divine Unsurpassability, **Philosophia**, 35: 293-300, 1995.
- KRAAY, Klaas. Creation, World-Actualization, and God's Choice Among Possible Worlds, **Philosophy Compass**, 3: 854-872, 2008.
- KRAAY, Klaas. **Creation, World-Actualization, and God's Choice Among Possible Worlds**.

- LEIBNIZ, G. W. 1710. **Teodiceia**, Disponível on-line: <http://www.gutenberg.org/files/17147/17147-h/17147-h.htm>.
- LANGTRY, Bruce. **God, the Best, and Evil**, Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LEFTOW, Brian. Aquinas on God and Modal Truth. **The Modern Schoolman**, LXXXII, March, 2005.
- LEWIS, David. Counterpart Theory and Quantified Modal Logic, **The Journal of Philosophy**, 65: 113–26, 1968.
- LEWIS, David. **Counterfactuals**, Oxford: Blackwell, 1973.
- LEWIS, David. **On the Plurality of Worlds**, Oxford: Basil Blackwell, 1986.
- LOOK, Brandon. Leibniz's Modal Metaphysics, **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, 2013: Disponível on-line em: <http://plato.stanford.edu/entries/leibniz-modal/>.
- LOUX, Michael. Introduction, em **The Possible and the Actual: Readings in the Metaphysics of Modality**, Ithaca and London: Cornell University Press, 1979.
- MANNIS, Zachary. On Transworld Depravity and the Heart of the Free Will Defense, **International Journal for Philosophy of Religion**, 59 (3):153 - 165, p. 154, 2006.
- MURRAY, Michael. Leibniz on Divine Knowledge of Conditional Future Contingents and Human Freedom. **Philosophy and Phenomenological Research**, 55: 75–108, 1995.
- NEULANDS, Samuel. Leibniz on the Ground of Possibility, **The Philosophical Review**, 122:2, p. 21-2, 2013.
- PLANTINGA, Alvin. **The Nature of Necessity**, Oxford: Clarendon Press, 1974.
- PLANTINGA, Alvin. **Essays in the Metaphysics of Modality**, Matthew Davidson (ed.), Oxford University Press, 2003.
- PRUSS, Alexander. **Actuality, Possibility and Worlds**, Bloomsbury Academic, 2011.
- RESCHER, Nicholas. **On Leibniz**, Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2013.
- ROWE, William. **Can God Be Free?** Oxford: Oxford University Press, 2004.
- STALNAKER, Robert. **Ways a World Might Be: Metaphysical and Anti-Metaphysical Essays**, Oxford University Press, 2003.
- STRICKLAND, Loyd. **Leibniz Re-interpreted**, Bloomsbury Academic, 2006.
- SWINBURNE, Richard. **The Coherence of Theism**, revised edition, Oxford University Press, 1993.
- TURNER, Donald. The Many-Universes Solution to the Problem of Evil, *In: The Existence of God*. Eds. R. Gale and A. Pruss. Aldershof: Ashgate, 2003.
- WILLIAMSON, Timothy. **Modal Logic as Metaphysics**, Oxford: Oxford University Press, 2013.
- VAN INWAGEN, Peter. **Ontology, Identity, and Modality**, Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- VOLTAIRE. **Candide**, 1759. Disponível on-line em: <http://www.gutenberg.org/files/19942/19942-h/19942-h.htm>.